

Podcast

Leia com uma criança



Conversas sobre leitura

EPISÓDIO 8

Nosso sertão

Sumário

Olá, mediadores e mediadoras de leitura!	3
A palavra de Luiz e as imagens do sertão	4
O sertão como personagem	7
A figura do sertanejo	8
A diversidade da língua	11
Movimentos migratórios: um canto de saudade	13
Como nasce um livro	13
O convite de Luiz	15
Para saber mais, acesse e leia:	16
Ficha técnica	17



Olá, mediadores e mediadoras de leitura!

Sejam bem-vindos! Este é um convite para uma conversa sobre leitura compartilhada, suas belezas e seus desafios. E diz respeito ao oitavo episódio do **Podcast Leia com uma criança**, uma produção do Itaú Social com parceria de Kiara Terra, narradora de histórias, autora e pesquisadora das infâncias.

O **Leia com uma criança** é um programa que, desde 2010, incentiva a leitura do adulto com a criança como uma oportunidade de fortalecer os vínculos e participar ativamente da educação desde a primeira infância.

Aqui vocês encontram algumas ideias, dicas e reflexões entre as múltiplas possibilidades para a mediação de uma obra literária. Esta iniciativa surge da vontade de partilhar as descobertas e os caminhos vividos em experiências de mediação literária on-line com crianças de diferentes territórios do Brasil.

O **Podcast Leia com uma criança** disponibiliza, além deste conteúdo, um vídeo para mediadores de leitura e um podcast voltado para as famílias e crianças. Para se aprofundar ainda mais nesse trajeto de aprendizagem acesse todos os materiais que estão disponíveis na página:

www.itausocial.org.br/podcasts

É um prazer enorme conversar sobre leitura com vocês!



A palavra de Luiz e as imagens do sertão

Vamos ler juntos! E o livro é Asa Branca, de autoria de Luiz Gonzaga. Esse título lhe soou familiar? É que essa obra nasceu da música Asa Branca, que encontrou as ilustrações primorosas de Mauricio Pereira e ganhou essa linda edição publicada pela Editora DCL.

Ao leremos juntos esse livro, as crianças e nós, mediadores, estaremos diante de um encontro entre diferentes linguagens: a sonoridade das rimas que originaram a canção, a narrativa visual proposta pelas ilustrações e as escolhas editoriais que originaram o livro.

Que tal conhecer um pouco do processo de construção do livro? Quais são os profissionais envolvidos nas diferentes etapas de produção? O que faz cada um deles? Enfim, como nasceu Asa Branca?

E que tal conhecer também um pouco mais do universo relatado na música? Em que momento ela foi composta? O que ela nos conta sobre a cultura brasileira e sobre a história do mestre Luiz Gonzaga?

Antes de acolher todas essas perguntas, vamos abrir o livro e perceber os diversos olhares que a leitura nos proporciona. Prepare seu coração para as coisas que vamos descobrir juntos!

Queremos te contar uma história...

V Luciana Cavalcanti é jornalista, fotógrafa, mestra pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda na Universidade Estadual de São Paulo (Unesp), com uma pesquisa sobre cidade, imagem e o Nordeste brasileiro. Ela compartilha, a seguir, algumas histórias e reflexões sobre essa porção do país.

“O Nordeste equivale a 18,27% do território brasileiro. É uma região formada por nove estados litorâneos: Bahia, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Alagoas, Paraíba, Maranhão, Piauí e Ceará.

Foi nessa região que desembarcaram os navegadores europeus que chegaram pela primeira vez ao Brasil. Holandeses, franceses e portugueses se encantaram pela região e pelo que poderiam retirar dela. E o que eles encontraram por lá? A caatinga, uma vegetação muito presente, assim como a Mata Atlântica, que ainda hoje resiste em pequenas porções ao desmatamento constante. Também viviam nessas terras diversas nações indígenas.

De lá para cá, o Nordeste foi palco da chegada de grande parte dos povos do Continente Africano que vieram ao Brasil escravizados. O sincretismo entre as produções de matrizes tão diversas indígenas, negras e europeias originou uma vasta gama de manifestações culturais.

E o que encontramos por lá hoje? Os sabores chamados de comida típica nordestina, que tem temperos fortes, apimentados, com uso frequente de raízes e carnes salgadas, além de muito açúcar nos doces e bolos – afinal, ainda hoje a região tem grande produção de cana-de-açúcar.

Na cultura popular, há uma infinidade de ritmos e festejos, manifestações como caboclinho, ciranda, frevo, reisado, forró, maracatu, cavalo-marinho, entre tantos outros que nos contam muito sobre a influência de negros, indígenas e brancos no que entendemos hoje como Brasil.

Os movimentos de cultura e de contracultura importantes para a formação



da ideia de uma cultura brasileira estão presentes na história do Nordeste. Revoluções como a dos Mascates, a Conjuração Baiana, a Insurreição Pernambucana, a Guerra dos Palmares, bem como o Movimento Armorial, o manguebeat, de Chico Science, entre outros, fazem parte dessa história.

Hoje as capitais nordestinas têm um crescimento econômico significativo devido principalmente ao turismo, institutos de pesquisa e tecnologia, polos médicos de referência, além de universidades produtoras de ciência, história e tecnologia.

O povo nordestino sempre foi pensador, com seus poetas e escritores como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, pintores como Vicente do Rego Monteiro, Gil Vicente, e uma rica produção musical, nas vozes e composições de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Moraes Moreira, Luiz Gonzaga (um de seus principais expoentes), para citar apenas alguns.

Luiz Gonzaga nasceu em Exu, no interior de Pernambuco, em 1912. Carregou o nome do Nordeste para os confins do Brasil. Sua obra contribui para a disseminação da cultura nordestina em todo o mundo, com letras que falam de sua terra, de amores e do clima que castigava e ainda castiga o sertão.

Hoje o Nordeste é amplamente reconhecido pelo turismo, mas poucos compreendem a riqueza das descobertas promovidas pelos estudiosos, artistas, pensadores e políticos que essa região produz. Essa percepção conduz muitas vezes a estereótipos pouco ou nada relacionados ao que essa região imensa e cheia de diversidade traz de riqueza para o nosso país. Conhecer verdadeiramente o Nordeste é vê-lo para além de suas praias e belezas naturais, aprofundando-se na cultura vasta, complexa e sofisticada que seu povo possui.

A literatura pode ser um caminho precioso para acessar toda essa riqueza.

Fica aqui o meu convite para que vocês possam ler juntos."



O sertão como personagem

Em *Asa Branca*, encontramos o sertão como um elemento presente em todas as páginas. É como se ele fosse personagem do livro, assim como o narrador e sua amada Rosinha, a quem ele dedica o texto. As ilustrações abrem perspectivas importantes, revelam cenas cotidianas e materializam o percurso do narrador. É possível observar as imagens como em um teatro de sombras com suas silhuetas, a imagem em positivo e negativo, cheio e vazio.

Os elementos da ilustração em preto contrastam com o fundo colorido. A técnica é a xilogravura, que consiste na impressão em papel de uma imagem a partir de uma placa de madeira na qual foi talhado o desenho.



Você conhece a xilogravura e a literatura de cordel?

A xilogravura é um modo de ilustração frequente na literatura de cordel, um gênero literário originário das culturas nordestinas e que traz os cordéis – pequenos livros/folhetos escritos de forma rimada, a partir de relatos orais. O nome “cordel” tem origem na maneira como os folhetos eram expostos para venda nas feiras: pendurados em cordas.

Há grandes mestres da cultura nordestina, como o cordelista J. Borges que, por meio da representação das cenas cotidianas, nos apresenta seu olhar sobre o modo de vida de quem vive no sertão. É fundamental, mediador, mediadora, saber que nem todo o Nordeste é sertão. A região é formada também por ecossistemas únicos, como a caatinga. No semiárido nordestino, existem áreas de cerrado, Mata Atlântica, restinga e manguezal.

A figura do sertanejo

Luiz Gonzaga ganhou fama nacional e teve muitos êxitos a partir do momento em que começou a cantar suas composições. Foi também por meio de suas escolhas autorais que o artista criou uma vestimenta inspirada nos vaqueiros do sertão.

Com calça e chapéu de couro, Luiz se tornava “O Rei do Baião” e difundia sua música. A cada verso, o autor contava ao Brasil sobre a realidade do seu estado, Pernambuco, e criava sua versão estilizada do “homem sertanejo”, com calça de couro, chapéu e gibão.

Mediator, mediadora, faremos um convite para refletirmos juntos sobre como as manifestações culturais dos estados da Região Nordeste estão representadas na literatura que escolhemos.

Como está representada a pessoa que vive no Nordeste? Será que conhecemos as particularidades dos estados presentes nessa região?

Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. São nove estados! Cada um deles tem seu próprio jeito de falar, suas expressões artísticas e literárias.

Será que conhecemos autores e ilustradores dessas regiões?

Quem inventou o folclore?

Algumas festas importantes, como o Carnaval e as Festas Juninas, estão presentes no calendário de todo o Brasil. E é nesses momentos que temos contato com elementos fundamentais das culturas da Região Nordeste. Os ritmos de música e dança, as comidas e algumas histórias.

É frequente essas representações receberem o nome de “folclore”. E gostaríamos de convidar vocês para refletir sobre esse termo. Folclore tende a generalizar expressões diversas e colocar na mesma classificação tudo aquilo

que supostamente é de fora, do outro, incomum, estranho – e, portanto, visto como algo menor.

Esse modo de ver as diversas manifestações culturais da Região Nordeste pode reforçar estereótipos e nos afastar de uma aproximação genuína em relação à vasta gama de expressões artísticas e produções de conhecimento que são nossas, brasileiras.

Para conhecer e celebrar

Convidamos vocês para uma partilha curiosa passando por cada estado do Nordeste. É um convite para leremos, dançarmos e celebrarmos suas histórias e produções culturais.

Em Alagoas nasceram os autores Graciliano Ramos e Jorge de Lima. Ali, e também em Sergipe, é possível encontrar pelo menos 25 manifestações culturais diferentes, como folguedo, caboclinha, pastoril, pagode, baianas, cheganças, matuto, reisado, maracatu fandango, coco de roda, entre tantos outros.

Já o Maranhão nos deu Maria Firmina dos Reis e Ferreira Gullar, além das incríveis histórias do bumba meu boi, tambor de crioula, coco, entre outros ritmos. Da Paraíba temos José Lins do Rego e Ariano Suassuna, folia do divino, catira, festa de fitas, congada, moçambique, jongo, dança de São Gonçalo.

No Piauí é possível dançar e celebrar cavalo piancó, samba da cuia, reisado, e também ler Torquato Neto, Mário Faustino.

Ao chegarmos à Bahia, encontramos Jorge Amado, Castro Alves, Itamar Vieira Junior, além de um Carnaval de tamanho monumental tanto na capital quanto no interior, com uma grande gama de grupos de tradição afro-brasileira, como Filhos de Gandhy e Olodum, além de cantores como Gilberto Gil, Maria Bethânia, Gal Costa.

E no Ceará? Temos Rachel de Queiroz, Socorro Acioli e Patativa do Assaré, além do artesanato reconhecido como patrimônio imaterial brasileiro, com suas diversas rendas, como a belíssima renda de bilros.

De Pernambuco temos o movimento manguebeat, autores como João Cabral de Melo Neto e Paulo Freire, além do Carnaval de Olinda, o frevo, o Movimento Armorial, as danças caboclinho e artistas de relevância nacional e internacional, como a Banda de Pífanos de Caruaru e Lia de Itamaracá.

No Rio Grande do Norte encontramos, entre tantas manifestações, autos de Natal, Festa dos Reis, os grandiosos festejos de São João e autoras como Nísia Floresta. Em Sergipe temos a autora Izabel Nascimento e podemos dançar com as taieiras, barco de fogo, festa dos caretas, parafusos e tantas outras celebrações de ritmos e símbolos próprios.

Mediador, mediadora, que tal pluralizar?

E se lêssemos esses autores ao longo de todo o ano, e não apenas em junho?
E se seus saberes estivessem em constante circulação, seja em casa, na biblioteca, seja na escola?



A diversidade da língua

A língua portuguesa que falamos apresenta diferentes sonoridades. São muitos sotaques, acentos e expressões que constroem sentidos únicos e são usados em diferentes lugares. Em Asa Branca, o texto traz a marca da oralidade presente na canção no momento em que Luiz Gonzaga diz “quando oiei a terra ardeno qual fogueira de São João”. A obra propõe uma leitura fiel à sonoridade trazida por ele e ao retrato que Luiz construiu, ao mesmo tempo que nos coloca diante de perguntas importantes.

Será que, mesmo sem perceber, afirmamos a ideia de que as expressões de oralidade são de menor valor do que aquelas da língua escrita? Será que nossa ideia de sertanejo ou nordestino está atrelada à imagem de uma pessoa ingênuas e de baixa escolaridade?

Essa construção carrega preconceitos e contribui para o empobrecimento da nossa prática leitora para a diversidade e a ampliação cultural. Conhecer a vasta produção intelectual artística e literária da Região Nordeste faz cair por terra o preconceito a respeito das pessoas que nasceram lá.

Você sabe o que é preconceito linguístico?

Preconceito linguístico é quando acreditamos que há apenas um modo correto de nos expressarmos na nossa língua. Geralmente essa ideia defende que a gramática normativa é a única referência possível de linguagem correta. Como consequência, todas as outras expressões são consideradas erradas, e aqueles que não falam ou escrevem de acordo com a chamada norma culta são discriminados.

Vocês já pensaram quanta riqueza e diversidade perderíamos se extinguíssemos todas as expressões populares, gírias, regionalismos e modos de expressão e se todos falássemos seguindo as regras da gramática?

A gramática normativa é essencial, pois garante a sistematização da Língua Portuguesa. Porém, o ato de falar, cantar ou escrever é dinâmico e precisa ser considerado de acordo com o contexto em que se encontra e com suas transformações sociais, históricas e regionais.

Ter acesso à riqueza inquestionável das culturas orais e à complexa e sofisticada rede de manifestações populares da Região Nordeste – e também da Norte e da Centro-Oeste – desconstrói o preconceito presente na ideia de uma suposta superioridade dos brasileiros dos centros urbanos do Sul e Sudeste em relação àqueles que nasceram nas outras regiões. É preciso ir a fundo, conhecer autores e desfrutar de toda essa diversidade de saberes. E lembrar que a língua que falamos é viva e adaptável e está em constante transformação, e que todas as possibilidades de expressão são igualmente importantes.

Movimentos migratórios: um canto de saudade

Asa Branca relata uma realidade presente ainda nos dias atuais: a migração de pessoas da Região Nordeste para outras partes do Brasil em busca de melhores condições de vida.

Sugerimos que, ao ler junto com as crianças, o mediador esteja atento às histórias que podem ser trazidas no momento da leitura. Quantos pais e avós migraram? Como eles cantam a saudade de sua terra de origem? Que saberes trazem de lá? A leitura de *Asa Branca* pode ser inspiradora para partilharmos também nossas histórias e os saberes das diferentes famílias.

Como nasce um livro

Mediator, mediadora, você conhece os processos através dos quais nasce uma obra literária? E se partilharmos com as crianças cada etapa e profissional envolvido? Como será que a canção originou o livro?

A primeira etapa é frequentemente a escrita do texto. Em alguns casos, ilustrações e texto são criados juntos, mas vamos nos ater ao caso do livro *Asa Branca*. Luiz Gonzaga compôs a letra da canção que se tornou a base textual da obra.

A segunda etapa é o encontro entre o texto e a equipe editorial. Eles têm a função de conciliar novos títulos com toda a gama de publicações da editora. A edição é o momento em que pela primeira vez o texto é analisado em todo o seu potencial. Será que esse conteúdo pode se transformar em livro? Se sim, como poderíamos contribuir para fazê-lo chegar ao leitor com tudo que tem de especial? Quais outros profissionais vamos chamar para as próximas etapas? Essas são algumas perguntas que cabem à edição.

A terceira etapa é encontrar quem vai contar a história por meio da ilustração. Quais serão as técnicas utilizadas? Quantas imagens serão necessárias? Nesse momento entra em ação também o designer gráfico que, em diálogo com o ilustrador, elabora o projeto gráfico do livro e delimita como será sua aparência, a fonte do texto, a quantidade de páginas, o tipo de impressão, o papel, as medidas, o formato, entre outros detalhes.

Uma vez definido o projeto gráfico, é a vez de o revisor checar o texto, garantindo pontuação e grafia corretas, e de o diagramador montar digitalmente o livro, aplicando texto e imagens de acordo com o projeto gráfico. Esta é a quarta etapa.

E, finalmente, chegamos à produção gráfica. Com o projeto do livro pronto, é chegada a hora de cuidar da impressão. Na gráfica, o produtor ou produtora opera as máquinas, dando atenção especial às cores, ao papel e à qualidade da impressão para garantir a reprodução precisa do projeto gráfico e das demais etapas de elaboração do livro em todos os exemplares.

Agora que você conhece o caminho completo desde a letra da canção até o livro, que tal partilhá-lo com as crianças?



O convite de Luiz

Em *Asa Branca*, o autor relata as dificuldades da seca e sua espera pela chuva para voltar para casa. E, ao longo de toda a obra, Luiz Gonzaga nos convida a imaginar seu percurso.

Ao lermos, encontramos tanto nas palavras quanto nos detalhes da ilustração elementos das culturas da Região Nordeste. A xilogravura e os versos rimados são um bonito convite para conhecermos a fundo as manifestações culturais dessa região.

A obra de Luiz Gonzaga nos conta o sertão pelo olhar de quem é de lá. O autor ousou escrever sua história e contar ao mundo seus desafios. A transformação da música em livro valida e amplifica a força das palavras e da sonoridade da composição de Luiz Gonzaga. Agora é sua vez de convidar as crianças para ler e, quem sabe, cantar. Juntos!

Boa leitura!

Para saber mais, acesse e leia:

[Centro de Tradições Nordestinas \(CTN\)](#)

[Cordel para crianças: 7 livros que revivem essa cultura popular](#)
[\(lunetas.com.br\)](#)

[Acervo disponibiliza mais de 9.000 folhetos de cordel para consulta e pesquisa](#)
[\(lunetas.com.br\)](#)

Autores e artistas cuja obra completa vale a pena conhecer

André Neves

Ariano Suassuna

Câmara Cascudo

Lia de Itamaracá

Luiz Gonzaga

Rosinha

Dicas de livros

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. A invenção do Nordeste e outras artes.
5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

PRIORE, Mary del. História das crianças no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

Ficha técnica

Fundação Itaú

Conselho Curador

Presidente

Alfredo Egydio Setubal

Vice-presidentes

Ana Lúcia de Mattos Barreto Villela
Maria Alice Setubal

Conselheiros

Claudia Politanski
Danilo Santos Miranda
Eduardo Queiroz Tracanella
Heitor Sant'anna Martins
Osvaldo do Nascimento
Priscila Fonseca da Cruz
Ricardo Manuel dos Santos Henriques
Rodolfo Villela Marino

Diretoria

Presidente da Fundação Itaú

Eduardo Saron Nunes

Diretores

Álvaro Felipe Rizzi Rodrigues
Cristiano Angulski de Lacerda
Luciana Nicola Schneider
Paulo Sergio Miron
Valéria Aparecida Marreto

Itaú Social

Superintendente

Angela Dannemann

Gerente de Fomento

Camila Feldberg Macedo Pinto

Coordenadora de Engajamento

Social e Leitura

Dianne Melo

Gestora do Leia com uma criança

Gabriela Passos Conserva

Comunicação Integrada

Fundação Itaú

Gerente de Comunicação

Ana de Fátima Oliveira de Sousa

Coordenação de Comunicação para a Educação

Alan Albuquerque R. Correia

Equipe de Comunicação -

Leia com uma criança

Juliana Araujo

Créditos da publicação

Pesquisa, roteiro e criação de conteúdo

Kiara Terra

Leitura crítica

Dianne Melo

Gabriela Passos Conserva

Revisão

Raquel Siqueira

Beatriz Gross

Diagramação

LuaNucci

Caronte Design

Podcast
Leia
com uma
criança